

# A GRAMMATICA PORTUGUEZA-ITALIANA E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO SEGUNDO REINADO\*

**Patricia Maria Campos de Almeida\*\***

**Resumo:** O estudo de uma obra didática pode nos revelar mais do que o conteúdo que, objetivamente, pretende apresentar. Nela, o autor deixa entrever, por exemplo, concepções de língua e ensino vigentes em um determinado tempo e com as quais concorda. Pretende-se, portanto, neste trabalho, a partir de uma perspectiva historiográfica, apresentar um manuscrito produzido no Brasil, no século XIX. O referido manuscrito, elaborado por José Morena e dedicado por ele à imperatriz Thereza Christina, intitula-se *Grammatica portugueza-italiana* e faz parte do acervo da Biblioteca Nacional.

**Palavras-chave:** Língua estrangeira. Gramática. Historiografia.

## INTRODUÇÃO

■ *S*e *wo were fi na wo sankofa a yenkyi*. Este é um provérbio que – traduzido do *twi*<sup>1</sup> para o português – significa “Não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”<sup>2</sup>. A ele está associado o símbolo do Sankofa<sup>3</sup> que integra o conjunto de Adinkras. Estes, por sua vez, podem ser definidos como símbolos visuais criados pelos Ashanti<sup>4</sup> com os quais transmitem sua sabedoria ou conhecimento tradicional acerca dos aspectos da vida ou do meio ambiente, por exemplo. Esses símbolos – que têm significado complexo – estão

\* Trabalho desenvolvido com bolsa do Programa de Apoio à Pesquisa da Biblioteca Nacional – Edital 2017.

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *E-mail*: patricia.almeida@letras.ufrj.br

1 *Twí*: uma das inúmeras línguas faladas pelos povos da etnia Ashanti (ou Axante).

2 Outra tradução comumente associada é “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”.

3 Agradeço a Muslim Hussein, originário de Gana, as horas de conversa e os esclarecimentos sobre os Adinkras e seu significado em sua cultura.

4 Ashanti – também grafado como Axante – refere-se a uma das etnias que, ao lado de outras tantas como Fante, Akwamu, Akyem, compõem o denominado grupo étnico Akan. Este é referenciado como o mais numeroso grupo étnico dentre todos de Gana.

frequentemente associados a ditames, fábulas ou provérbios, a exemplo daquele que abre este artigo. Uma só imagem gráfica pode expressar, portanto, crenças ou conceitos filosóficos. O Sankofa é a imagem de um pássaro que tem as patas apontadas para frente, mas a cabeça voltada para trás em busca de seu ovo. Ele nos alerta para a possibilidade sempre existente de podermos voltar ao passado, às nossas raízes, para com ele aprender e, assim, realizar melhor nosso potencial no tempo presente e, por fim, avançar rumo ao futuro. Trata-se, em resumo, da sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

O Sankofa se relaciona com a proposta deste trabalho por resumir nossa crença na importância de conhecermos bem o que já foi feito na área de ensino de língua estrangeira (LE) para que possamos avançar de modo consistente. Significa também garantir espaço para aqueles que vêm sendo apagados da história da área de LE, incluindo suas obras, a exemplo do que ocorreu com os imigrantes e sua importante contribuição como elaboradores de materiais didáticos para, por exemplo, ensino de Português Língua Estrangeira publicados no Brasil (JÚDICE; ALMEIDA, 2006; ALMEIDA, 2011; ALMEIDA; JÚDICE, 2016).

Em consonância com o exposto anteriormente, a presente pesquisa se fundamenta nos princípios de uma pesquisa de caráter historiográfico, circunscrevendo-se no âmbito da Historiografia Linguística (HL) e mais especialmente naquele ramo descrito por Swiggers (1998) como historiografia do ensino de LE.

No que diz respeito à denominada HL, Altman (2009, p. 128) cita como seus objetivos: “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”. Lembra a autora que “as maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido, também fazem parte da sua história” (ALTMAN, 2009, p. 128). Tal como preconizado pelo Sankofa, temos aí também a valorização daquilo que já foi construído em termos de conhecimento linguístico e a importância dessa história para melhor entendimento do presente, lembrando, no entanto, que o conhecimento produzido hoje tem, por si só, uma natureza inevitavelmente provisória.

Sobre o objeto de investigação do historiógrafo, Swiggers (2013, p. 42) ressalta que os textos aos quais os pesquisadores da área de linguagem se dedicam são “‘o reflexo (ou depósito) material’ da história da linguística”. Precisamos, então, olhar para esses textos – que podem ser gramáticas, vocabulários, textos teóricos, livros didáticos e até mesmo autobiografias, memoriais, prefácios, correspondências, entre outros – como fontes de estudo a respeito do desenvolvimento das ideias e práticas linguísticas (MALKIEL, 1969; SWIGGERS, 1982; ALTMAN, 2012). Tal como assinalado anteriormente, a investigação que envolve esses textos significa a realização de um estudo situado no tempo e que considera o contexto de sua época.

Aproximando a questão da área de LE que é, por sua vez, aquela em que a obra *Grammatica portoguesa-italiana*, de José Morena, se insere, o diálogo com a historiografia pode trazer muitas contribuições. Para Swiggers (1998), aquele que se dedica a trabalhar com a historiografia do ensino de línguas é, antes de tudo, um analista de conteúdos e de práticas culturais, uma vez que o ensino de qualquer língua se dá em um contexto cultural e é, ele mesmo, uma atividade cultural. De acordo com o mesmo autor, o historiógrafo, nesse caso, lida com uma tripla dimensão. A primeira delas diz respeito a atitudes reflexivas do pes-

quisador sobre o ensino da LE de modo geral, a segunda dimensão é aquela que diz respeito ao trabalho linguístico descritivo propriamente dito e a última dimensão é constituída pela contextualização do ensino de LE. Os princípios expostos por Swiggers (1998) a respeito da pesquisa no campo da HL se coadunam com aqueles apresentados por Koerner (1995) e refletem a perspectiva adotada nesta investigação na medida em que buscamos recuperar – a partir da análise do conteúdo que é exposto na *Grammatica*, das palavras do autor sobre sua obra, bem como de outros documentos que sejam consultados por ocasião da realização da pesquisa – dados que nos auxiliem a compreender que visão de língua vigorava na época e o que se entendia como primordial no ensino de uma LE. O livro didático se constitui, portanto, em um reflexo da mentalidade de seu tempo. Podemos, então, considerá-lo não só um meio de acesso ao conhecimento do passado, mas também uma chave para melhor compreendermos aquilo que se constitui como o fazer pedagógico em LE no presente.

A seguir, então, empreenderemos a apresentação da obra e análise das partes que constituem o manuscrito de José Morena intitulado *Grammatica portugueza-italiana*. Espera-se, com isso, garantir ao autor e à sua obra um espaço na história do ensino de LE – em especial de italiano – no Brasil do século XIX.

## A GRAMMATICA PORTUGUEZA-ITALIANA

Nesta parte, será realizada uma análise da obra em seus aspectos físicos, incluindo aqueles que podem auxiliar a identificar com mais de precisão o período do século XIX em que ela teria sido produzida.

A obra sob investigação, intitulada *Grammatica portugueza-italiana* e escrita por José Morena, encontra-se na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Sua ficha catalográfica informa que não há dados que permitam identificar editor ou local de publicação [S. l.: s. n.]. Quanto ao ano de publicação, há apenas a indicação de que se trata de livro escrito no século XIX, sem precisão quanto ao ano [18--].

O estilo de encadernação imperial, seguindo descrições de Moraes (1975), Gonçalves (2008) e Mársico (2018), pode ser observado no manuscrito de José Morena. A capa luxuosa recebeu revestimento em veludo verde. Em posição central, as armas do Império em baixo-relevo colorido, com destaque para a cor dourada. Circundando a imagem, também em baixo-relevo, observamos ornamentação dourada na parte mais externa e outra sem cor na parte interna (Figura 1). A lombada, igualmente verde, apresenta a indicação do nome do autor e o título da obra. Além disso, há ornamentação em baixo-relevo na cor dourada (Figura 2).

Alguns elementos constantes da obra e observáveis a partir de sua análise física, tal como veremos a seguir, parecem fornecer dados que nos permitem situar a produção do manuscrito com um pouco mais de precisão do ponto de vista temporal.

O primeiro e mais óbvio consta da folha de rosto (Figura 3) e diz respeito à figura homenageada pelo autor da *Grammatica portugueza-italiana* – a Imperatriz do Brasil, Sra. D. Theresa Christina Maria. Ela se torna imperatriz quando contrai casamento com D. Pedro II, em 1843, portanto. Esse dado, então, parece indicar como improvável a possibilidade de a obra ter vindo a público antes do citado ano.

**Figura 1** – Capa

Fonte: Acervo da Fundação  
Biblioteca Nacional – Brasil.

**Figura 2** – Lomboa – **Figura 3** – Folha de rosto  
da – detalhe

Fonte: Acervo da  
Fundação Biblioteca  
Nacional – Brasil.



Fonte: Acervo da Fundação  
Biblioteca Nacional – Brasil.

O segundo elemento a ser analisado na tentativa de situar a obra temporalmente diz respeito à reprodução das armas do Império gravada na capa em baixo-relevo.

A descrição dos seus elementos constitutivos faz parte do decreto de D. Pedro I, publicado em 18 de setembro de 1822, que dispõe sobre a bandeira nacional.

*[...] hei por bem e com o parecer do meu Conselho de Estado determinar o seguinte: – Será, d'ora em diante, o escudo d'armas deste Reino do Brazil em campo verde humo esphera armilar de ouro, atravessada por humo cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma esphera de 19 estrellas de prata em humo orla azul; e firmada a coroa real diamantina sobre o escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos de plantas de café e tabaco como emblemas de sua riqueza commercial, representados na sua propria cor, e ligados na parte inferior pelo laço da nação (RIBEIRO, 1933, p. 57-58).*

Cerca de três meses depois, no dia 1º de dezembro, em novo decreto, são fixados ajustes no escudo das armas do Império, e a Coroa Real é substituída pela Imperial.

*Havendo sido proclamada com a maior espontaneidade dos povos a Independencia política do Brazil, e a sua elevação á categoria de Imperio pela minha solenne aclamação, sagração e coroação, como seu Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo: hei por bem ordenar que a Corôa Real que se acha sobreposta no escudo das armas estabelecido pelo meu imperial decreto de 18 de setembro do corrente anno seja substituída pela Corôa Imperial, que lhe compete, afim de corresponder ao grão sublime e glorioso em que se acha constituído este rico e vasto Continente. – Paço, em 1º. De dezembro de 1822, 1º. Da Inde-*

*pendência e do Império – Com a rubrica de Sua Magestade Imperial (a) José Bonifácio de Andrada e Silva (RIBEIRO, 1933, p. 57-58).*

Luz (2005) também descreve em detalhes as armas do Império do Brasil e dá destaque ao fato de que muitas foram as versões das armas elaboradas pelos artistas contratados para a sua reprodução. Entre 1836 e 1868, tal como o autor menciona, há versões “oficiais” diversas nos cabeçalhos do *Correio Oficial*, *Diário Oficial do Império* e *Diário Oficial*.

Lessa (1930) e Ribeiro (1933) recordam que as 19 estrelas fazem referência às seguintes províncias do Império: Grão Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Cisplatina. Os autores também mencionam o fato de não ter havido alterações nas armas do Império por ocasião da independência da província Cisplatina (1830) ou da criação das províncias de Amazonas (1850) e Paraná (1853). No entanto, depois de 1879, a partir da comparação dos clichês empregados pela Imprensa Nacional, Lessa (1930) observou que as Armas do Império passaram a contar com vinte estrelas, representado, portanto, o número de províncias da época. Para tal alteração, no entanto, não houve decreto.

Desse modo, em função dos dados apresentados, podemos levantar a hipótese de a obra ter sido publicada antes de 1879, pois a imagem das armas do Império gravada em baixo-relevo apresenta 19 estrelas.

O terceiro e último fato que pode nos auxiliar a situar a obra temporalmente diz respeito ao encadernador identificado por meio do selo constante na face interna da capa. Ferreira (1994), Hallewell (2005), Godoy (2015) e Storms (2018), em seus estudos, recuperam dados da biografia de Lombaerts – o encadernador, bem como informações a respeito da encadernadora e litografia fundada por ele no Rio de Janeiro.

Os dados biográficos organizados a partir a leitura dos autores citados permitem-nos afirmar que Jean-Baptiste Lombaerts, belga nascido em 1821, litógrafo de profissão, deixou a Antuérpia e migrou para o Brasil nos anos 1840 com sua família – esposa e filho<sup>5</sup>. Já no Rio de Janeiro, Lombaerts montou sua empresa do ramo de encadernação e litografia. Ficou conhecido também como importante livreiro da segunda metade do século XIX, sobretudo graças à importação de jornais e revistas. Storms (2018) cita como primeiro endereço, em 1848, a Rua da Quitanda, 68. Ainda segundo o mesmo autor, no ano de 1853, Lombaerts transferiu seu estabelecimento para a Rua dos Ourives, 17 – endereço que consta no selo identificado na obra de José Morena. Certamente, por sua importância no cenário da época, o estabelecimento de Lombaerts foi responsável por encadernações para a Família Imperial e a Academia Imperial de Belas-Artes (ORNELLAS, 2006), a exemplo da obra em análise neste estudo. O selo colado na capa interna da *Grammatica portugueza-italiana* dedicada à imperatriz traz a menção Ao Missal Lombaerts. De acordo com Machado (2008), Godoy (2015) e Storms (2018), esse era o nome específico para identificar a encadernadora.

Com base no exposto até este momento, podemos, então, considerar que a obra de José Morena se situa no período que se estende de 1853 – ano do esta-

5 O filho – Henri Gustave Lombaerts (1845-897) – dará prosseguimento ao trabalho do pai.

belecimento de Lombaerts no endereço que consta no selo colado na *Grammatica* e posterior, portanto, à passagem de D. Theresa Christina, a imperatriz do Brasil – a 1879, ano em que as Armas do Império começaram a contar com vinte estrelas.

Uma vez finalizada a análise física, vale considerar o modo proposto por Morena para a organização do conteúdo de sua obra. As partes que integram a obra de Morena são três, a saber: *Prologo*, *Compendio de grammatica italiana* e *Grammatica portugueza-italiana*.

A seguir, passaremos, então, a apresentar uma análise mais detalhada de cada uma das partes mencionadas.

## O PROLOGO<sup>6</sup>

Essa parte inicial da *Grammatica portugueza-italiana* é composta por nove folhas manuscritas, numeradas com algarismos romanos. José Morena inicia a redação de seu prólogo fazendo referência a Jacinto Freire<sup>7</sup>, poeta, historiador e sacerdote católico português que viveu neste país entre os anos de 1597 e 1657. Em 1651, Jacinto Freire publicou, em Lisboa, a obra *Vida de Dom João de Castro quarto viso-rey da India*, de cujo prólogo Morena extraiu o trecho com o qual abre sua *Grammatica*: “São os Prologos hum anticipado remédio aos achaques dos livros porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas”. Morena tenciona, ao fazer uso dessa passagem, justificar os caminhos escolhidos para expor o conteúdo, bem como o método adotado para distribuí-lo ao longo de sua obra.

José Morena pretende, então, com a escrita de seu prólogo, apresentar para o leitor as ideias preliminares sobre o assunto a ser abordado e tecer considerações sobre as escolhas metodológicas para elaboração da sua *Grammatica*. Durante o desenvolvimento do *Prologo*, podemos, portanto, ver reveladas algumas das crenças de Morena acerca da língua a ser ensinada, de como deve ser organizada uma gramática para ensino de LE, do processo de aprendizagem de LE e do papel do aprendiz de LE.

No que diz respeito à visão do autor sobre a língua que deverá ser ensinada, ele faz referência ao “fallar e escrever classicamente uma lingoa”, fazendo alusão a uma prática vigente na época que se traduzia em seguir os “clássicos”, uma vez que estes eram tidos como exemplos de correção gramatical. Além disso, com sua gramática comparada, Morena espera que o aluno, ao término de seu estudo, tenha conseguido desenvolver a capacidade de falar e escrever na língua-alvo. Para tanto, elabora a seguinte afirmação “nada eu julgo ter omitido que seja necessario a quem tenciona estudar a lingoa de modo que a possa falar e escrever correctamente e com propriedade” (MORENA, 18--, p. IV). As palavras do autor fazem eco a uma crença vigente na época que assumia que o conhecimento gramatical era o pilar a partir do qual se sustentava o ensino de uma LE, valorizando, igualmente, a correção gramatical como um ideal a ser alcançado.

Na visão de Morena, uma gramática que se proponha a ensinar uma LE deve ser organizada de forma clara, de modo a facilitar para o aprendiz a busca por

6 Serão mantidas as grafias dos nomes que identificam as partes que compõem a gramática e as denominações adotadas por Morena. O título da obra e de suas três partes estarão em itálico.

7 Podemos encontrar o nome Jacinto Freyre de Andrada grafado também como Jacinto Freire de Andrade (cf. ficha catalográfica da Biblioteca Nacional Digital – Biblioteca Nacional de Portugal).

qualquer assunto que tenha esquecido. Além disso, a forma de organizar os conteúdos pode, segundo o autor, auxiliar o estudante a retê-los na memória. Nas palavras do autor:

*[...] ordenar as partes do discurso e as regras relativas e modo que o alumno no tempo que as vai percorrendo gradualmente, e depois de as ter percorrido todas, saiba formar d'ellas uma Idea clara e distincta, e possa, se por acaso se tiver esquecido, achal-as com facilidade e promptidão. [...] porque julguei que o alumno d'esta forma coordenaria e reteria na memória as regras expostas muito mais facilmente do que se, querendo eu proceder de modo contrario, tratasse em diferentes capítulos das diversas partes da oração (MORENA, 18-- , p. II).*

Além disso, o autor reforça a importância de apresentar o conteúdo em uma gradação que parta do mais fácil em direção aos conteúdos considerados mais difíceis ou que apresentem maior complexidade. Com base nessa premissa, Morena justifica a inserção da primeira parte. Com ela, pretende o autor apresentar um resumo dos tópicos principais, a fim de preparar o aluno para o estudo mais aprofundado das questões gramaticais a serem expostas na segunda parte da *Grammatica portugueza-italiana*. Nas palavras do autor, ele afirma querer “preparar o alumno para este estudo e tornar-lhe o caminho mais plano e agradável” (MORENA, 18-- , p. III). Morena (18-- , p. III) defende, inclusive, a inserção desse tipo de resumo em toda gramática composta para o ensino de uma LE e aponta o que a falta desse resumo pode acarretar:

*[...] ou esta grammatica, como de ordinário acontece, comprehende em si somente as noções mais geraes da lingoa, e então muito imperfeita e incompleta será para aquelle que se quer aperfeçoar no estudo da mesma; ou abrange todas as particularidades que lhe são relativas, e n'este caso aquelle que por ella aprender marchará por um caminho tão íngreme e cheio de espinhos, que se o não obrigas a recuar, ao menos lhe retardará muito o seu adiantamento.*

Ainda com relação à organização e apresentação do conteúdo, Morena faz uso do que ele denomina “mappas”. Trata-se de quadros sinóticos por meio dos quais o autor apresenta, por exemplo, as conjugações verbais. Desse modo, ele consegue organizar as informações de modo visual com o intuito de facilitar a apreensão por parte do aluno.

Quanto ao processo de aprendizagem da LE, Morena ressalta que este demandaria tempo. Em suas palavras, aprender uma LE qualquer “não é cousa de dous ou três mezes, mas sim de longos annos de aturado trabalho”. Essenciais para que esse processo se dê são, nas palavras de Morena (18-- , p. VI), o ato de decorar, de praticar a língua que está sendo aprendida como LE, a consulta constante ao dicionário e a leitura dos autores clássicos como métodos de estudo, tal como se vê no seguinte trecho: “Donde se conclue que a este respeito<sup>8</sup> não há melhor grammatica do que a pratica, um bom dictionario e uma attenta leitura dos clássicos”.

Sobre o papel do aprendiz de LE, podemos inferir pela leitura do *Prologo* que é esperado um aluno que dedique tempo e atenção ao estudo da língua-alvo e que se debruce não só sobre a *Grammatica* apresentada, mas que busque ou-

8 O autor está fazendo referência ao estudo da regência e à impossibilidade de exemplificação de todos os casos em apenas uma gramática.

tras fontes de estudo, como os dicionários e as obras clássicas por conterem aquilo que Morena considera como bons modelos a serem seguidos. O próprio autor – que parece fazer uso do argumento de autoridade – insere em sua obra referências a outros estudiosos consagrados e obras que lhe teriam servido como fonte de consulta, inspiração e modelos de apresentação gramatical. Podemos considerar como exemplo disso as referências a Corticelli e Puoti que serviram como ponto de partida para a redação de sua *Grammatica portugueza-italiana*, admitindo ter, inclusive, copiado em parte suas obras: “darei que com o que havia de melhor n’estes excelentes autores enriqueci a minha grammatica, e às vezes mesmo as copiei [...]” (MORENA, 18-- , p. VII).

Trata-se de Salvatore Corticelli e Basilio Puoti, autores italianos que se notabilizaram por seus estudos sobre a gramática da língua italiana. Corticelli viveu em Bolonha de 1689 a 1758, e, apesar de ter estudado filosofia e direito e desenvolvido estudos filosóficos e teológicos desde que passou a integrar a Congregação de São Paulo, em 1718, o autor se notabilizou de fato pelos estudos e pelas publicações sobre as temáticas que versavam sobre gramática e retórica. Em 1745, Corticelli publica o livro que inspira Morena a redigir sua própria gramática: *Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo per uso del Seminario di Bologna*. Graças ao seu caráter prático e didático, essa obra de Corticelli foi considerada bastante apropriada para o ensino escolar e, como consequência de seu grande sucesso, teve várias edições. Esse livro permitiu-lhe, ainda, o ingresso na renomada Accademia della Crusca para a qual ele produziria mais tarde, em 1752, um tratado sobre a eloquência italiana (cf. CORTICELLI, 1752).

Basilio Puoti, por sua vez, era napolitano e viveu entre 1782 e 1847. Ficou conhecido por sua atuação nos campos da crítica literária, lexicografia e gramática. Era, portanto, grande estudioso da língua italiana. Puoti ocupou, por exemplo, o cargo de inspetor geral da educação pública no Reino das Duas Sicílias que deixou, em 1825, para se dedicar à sua escola de língua italiana e à educação dos jovens. Tal como Corticelli, sua dedicação aos estudos linguísticos o levou para a Accademia della Crusca. Dentre as obras de Puoti, destacamos as seguintes: *Regole elementari della lingua italiana* (1833), *Della maniera di studiare la lingua e l’eloquenza italiana* (1837), *Vocabolario domestico napoletano-toscano* (1841), *L’arte di scrivere in prosa per esempi e per teoriche* (1843), *Dizionario dei francesismi* (1845). Apesar de Morena não citar a obra que o inspirou, a temática nos leva a crer que ele se referia àquela publicada em 1833.

A admiração de Morena por Puoti e seu trabalho é tão grande que chega a afirmar em seu *Prologo* ter considerado a ideia de colocar no frontispício a indicação “O Puoti Portuguez”. Essa ideia, no entanto, não foi levada adiante, pois Morena (18-- , p. VII) aponta méritos que são próprios de sua obra e que a distinguem daquelas escritas pelos autores citados e que fazem dela um exemplar diferenciado:

*O methodo com que ordenei esta grammatica, a correspondencia dos pronomes e dos tempos, a classificação dos verbos da 3a. conjugação, a syntaxe das preposições, muitas observações que n’ estes dous autores não se achão, e emfim o que em geral diz respeito à correspondencia das duas lingoas, tudo isto, digo, só a meu cuidado e a minhas longas vigílias é devido.*

Morena (18--, p. VIII) tenciona igualmente que sua *Grammatica* tenha o mérito de ser uma obra de referência para o estudo da LE, assim como os dois volumes do *Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano*, produzidos nos anos de 1853 e 1854 por Antonio Bordo, um italiano radicado no Brasil, tinham preenchido uma lacuna para portugueses e brasileiros interessados no aprendizado desse idioma.

*Se pois em parte ao menos eu tiver realizado com aceitação o desejo que sempre tive [...] de formar uma boa grammatica italiana, ficarei muito satisfeito se, como depois dos esforços heroicos de Antonio Bordo dizem os Brasileiros e Portuguezes que não sentem mais a falta de um dicionário italiano, disserem também que não lhes falta uma grammatica.*

Morena ressalta também, tal como se pode observar no trecho transcrito a seguir, as semelhanças que observa entre as línguas italiana e portuguesa e, por conta disso, justifica ser desnecessário discorrer a respeito das belezas da língua que pretende ensinar. Para valorizar a língua do aprendiz, sugerindo ser esta uma língua em que se observam igualmente harmonia, doçura e suavidade, Morena (18--, p. VIII), apesar de não citar a fonte, transcreve dois versos do canto primeiro do poema de Domingos José Gonçalves de Magalhães intitulado *A Confederação dos Tamoyos*, publicado em 1856:

*Costumão os que compõem a grammatica de uma lingoa estrangeira qualquer mostrar e realçar com penna elegante as belezas d'ella, eu porém não seguirei este costume com a minha, por ser isso desnecessário, oferecendo-a eu a quem fala uma lingoa tão semelhante à italiana na índole e harmonia, e principalmente àquelles*

*.....a cujas vozes*

*Doçura derão do Carioca as águas.*

Vale frisar que a referência à obra *A Confederação dos Tamoyos* desloca o início provável de produção do manuscrito de 1853, conforme assinalado anteriormente, para 1856.

A título de conclusão de seu *Prologo* e como meio indireto de frisar a importância do aprendizado da língua italiana e enaltecer a beleza tanto desse idioma quanto da língua portuguesa, Morena (18--, p. IX) traz trechos escritos pelo poeta A. de Serpa em que este defende a necessidade de garantir para a literatura, a poesia e a língua italiana um espaço de importância:

*Com tudo não deixarei de transcrever algumas observações do poeta A. de Serpa, as quaes por serem e pessoa estranha parecerão mais desinteressadas. Temos estudado, diz ele, modelos de literatura estrangeira desprezando as infinitamente mais belas e perfectas da literatura italiana; ignoramos vulgarmente a poesia d'ella, a mais rica, a mais correcta, a mais aperfeiçoada das poesias modernas, e desprezamos as formas da lingoa mais poética da Europa, e d'aquella a que mais nenhuma outra, na variedade, na harmonia e na doçura, a nossa se assimelha.*

Apesar de não mencionar a fonte original de onde extraiu os trechos transcritos em sua obra, as passagens fazem parte do epílogo do livro *Poesias*, publicado em Lisboa, no ano de 1851 pelo português Antonio de Serpa Pimentel, conhecido por sua atuação no cenário político, por sua formação em matemática e por

suas colaborações no campo da literatura, tendo muitos escritos publicados tanto na *Ilustração Luso-Brasileira* (1856-1859) quanto na *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859).

No texto original, A. de Serpa faz uma crítica ao predomínio do estudo dos modelos literários franceses, em detrimento de outros como a literatura de língua italiana. Morena, no entanto, não retoma a passagem na íntegra e opta por suprimir alguns trechos. Essa talvez tenha sido uma forma de evitar possíveis críticas, uma vez que o ensino da língua francesa e a sua respectiva literatura gozavam de muito prestígio no Brasil do século XIX.

Finalizando a análise do *Prologo*, merece destaque o manejo da prática caligráfica como recurso para indicar as passagens em que faz citação de outros autores.

Observamos, na página VIII, que as menções aos autores aqui retomados Antonio Bordo e A. de Serpa, bem como a citação em destaque, ganham realce por conta do emprego de um tipo de letra diferente. O emprego do mesmo recurso pode ser observado ao longo da obra com o objetivo de chamar a atenção do leitor para informações e exemplos.

Após o *Prologo*, cujos objetivos são apresentar para o leitor as ideias preliminares sobre o assunto a ser abordado e tecer considerações sobre as escolhas metodológicas para elaboração da *Gammatica*, encontramos as duas partes complementares que, juntas, formam o núcleo da obra de José Morena: o *Compendio de grammatica italiana* e a *Grammatica portugueza-italiana*.

### **O COMPENDIO DE GRAMMATICA ITALIANA E A GRAMMATICA PORTUGUEZA-ITALIANA**

A primeira parte, denominada *Compendio de grammatica italiana*, é composta de 80 páginas, numeradas em algarismos arábicos. Trata-se, nas palavras do autor, de “um resumo da mesma [da grammatica], no qual seguindo o mesmo methodo não expus senão as cousas mais fáceis e necessárias” Morena (18--, p. III). O autor, ao oferecer esse compêndio inicial, está preocupado, sobretudo, com os aprendizes iniciantes e em proporcionar-lhes “os primeiros rudimentos da língua” para que, em seguida, possam compreender com mais facilidade aquilo que estará descrito na sua gramática. Desse modo, José Morena segue o que ele mesmo sinaliza como um princípio metodológico para ensino de uma LE, a saber: proceder “do fácil para o difficil e do conhecido para o que ainda não se conhece” Morena (18--, p. II). Além disso, o autor assume que está perseguindo o objetivo de “preparar o alumno para o estudo e tornar-lhe o caminho mais pleno e agradável” Morena (18--, p. II).

Apesar de haver um *Index* no final da obra, este é pouco elucidativo quanto ao que podemos encontrar no *Compendio* ou *Parte 1ª*, uma vez que não há desmembramento dos conteúdos tal como ocorre com a parte seguinte.

A fim de que fosse possível, então, ter uma visão dos conteúdos abordados no *Compendio* para, inclusive, permitir posteriores comparações entre estes e aqueles que compõem a *Grammatica* propriamente dita, foi empreendido levantamento de todas as partes constitutivas do *Compendio*. Desse modo, integram o *Compendio de grammatica italiana* os assuntos apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1** – O Compendio de grammatica italiana e suas partes constitutivas

Da pronuncia das letras e syllabas italianas  
 Dos nomes substantivos e adjectivos qualificativos  
 Do grao comparativo e superlativo dos adjectivos  
     Formação do plural dos substantivos e adjectivos qualificativos regulares  
     Formação do plural dos substantivos e adjectivos qualificativos irregulares  
 Do artigo – Genero e Numero do artigo  
 Antes de que palavras se deve pôr o artigo il, lo, la  
 Dos pronomes – divisão dos pronomes  
     Dos pronomes pessoais Io, Tu, Sè, Egli  
     Dos outros pronomes  
 Dos adjectivos determinativos – Formação do plural dos adjectivos determinativos  
 Uno, Due  
 Primo-secondo  
 Dos Verbos – Do verbo substantivo  
     Conjugação do verbo essere  
     Conjugação do verbo avere  
 Conjugação dos verbos regulares – Primeira conjugação (cantáre)  
 Segunda conjugação (Temére)  
 Segunda conjugação (Sentíre)  
 Dos verbos irregulares – Primeira conjugação  
 Segunda conjugação  
 Outros verbos irregulares  
 Das Preposições  
 Dos Adverbios  
 Das Conjuncções  
 Das Interjeições  
 Observações geraes sobre a orthographia

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o *Compendio*, Morena oferece de fato àqueles interessados em iniciar seus estudos em língua italiana um capítulo com noções introdutórias. Ao fazermos um cotejo entre as partes constitutivas do *Compendio* e aquelas apresentadas mais adiante e que compõem a segunda parte – a *Grammatica portugueza-italiana*, veremos que os capítulos desta última versam, em grande parte, a respeito dos mesmos assuntos. Nessa segunda parte, no entanto, como seria de se esperar, os assuntos são aprofundados.

Como se trata de uma gramática comparada, ao apresentar o alfabeto italiano e sua pronúncia, o autor admite, na página 1, que pretende dar ênfase apenas àquilo que for diferente entre os dois idiomas. Logo, os aspectos semelhantes relativos a esse assunto não são ressaltados, pois não se constituem em empecilho ao aprendizado de italiano por parte de estudantes que sejam falantes de língua portuguesa.

Vale destacar também a importância que Morena atribui à figura do professor de LE, fundamental, por exemplo, para dar um tratamento adequado à questão da pronúncia.

*c,h – a consoante c seguida de e ou i tem um som particular que só se pode aprender pelo Professor, ex:*

*lacci/laços, célere/veloz, cióttoli/seixos (MORENA, 188--, p. 3).*

Digna de nota é igualmente a observação, transcrita a seguir, que o autor faz sobre a supressão do *-e* final da forma do infinitivo na oralidade: “Muitas vezes ao presente do infinito se suprime o *e* final, dizendo-se *avér*, *cantár*, *temér*, *sentír*” (MORENA, 18--, p. 40).

Do ponto de vista físico, ressaltamos que há, tanto no *Compendio* quanto na *Grammatica*, páginas com anotação no verso, cujo propósito é incluir informação que, por descuido, não tinha sido inserida no corpo da gramática. Por outro lado, não existe, no *Compendio*, a página 65. Além disso, ao tratar da conjugação dos verbos regulares, o autor divide os verbos em: 1. primeira conjugação (*cantáre*), 2. segunda conjugação (*temére*) e 3. segunda conjugação (*sentíre*). Esta última, provavelmente um descuido do autor, pois, na verdade, a intenção talvez fosse apontar a existência da terceira conjugação.

Após o *Compendio*, temos, então, a *Grammatica portugueza-italiana* propriamente dita. Esta compõe, portanto, a segunda parte da obra de José Morena. A paginação é reiniciada. A segunda parte, por conter os elementos essenciais da gramática, é bem mais extensa que a primeira. Ela é composta de 310 páginas, numeradas também em algarismos arábicos, divididas em 16 capítulos e contendo uma página inicial onde podemos encontrar o alfabeto italiano e sua pronúncia. Os capítulos da obra de Morena tratam dos assuntos apresentados a seguir.

## Quadro 2 – Conteúdo da *Grammatica portugueza-italiana*

Capítulo I: Da pronuncia  
 Capítulo II: Dos nomes substantivos  
 Capítulo III: Dos nomes adjectivos qualificativos  
 Capítulo IV: Do artigo  
 Capítulo V: Dos pronomes  
 Capítulo VI: Dos adjectivos determinativos  
 Capítulo VII: Artigo, pronomes e adjectivos sinonimos  
 Capítulo VIII: Dos verbos  
 Capítulo IX: Da concordância  
 Capítulo X: Da regência  
 Capítulo XI: Das preposições  
 Capítulo XII: Dos advérbios  
 Capítulo XIII: Das conjuncções  
 Capítulo XIV: Das interjeições  
 Capítulo XV: Do pleonasma  
 Capítulo XVI: Da orthographia

Fonte: Elaborado pela autora.

Tanto no *Compendio* quanto na *Grammatica*, podemos observar que as explicações são escritas em língua portuguesa, reforçando que o público-alvo visado é falante de português, tal como assinalado no prólogo.

O princípio comparatista adotado por Morena está presente em diversos momentos das duas partes constitutivas de sua obra – *Compendio* e *Grammatica* – e tem por propósito principal demonstrar para o estudante interessado que há pontos de convergência entre os dois idiomas, tal como poderemos ver nas passagens que seguem, extraídas da segunda parte da obra em estudo.

*A pronúncia das letras e syllabas em italiano é muito semelhante á portuguesa por isso só notaremos aqui as excepções. [...]*

*O a em italiano se pronuncia como o a aberto em portuquez, ex.: madre, parte. [...]*

*A pronúncia do i, e do u é a mesma em ambas as línguas; porém o i no fim de palavra não é sempre agudo como em portuquez; se o é leva acento, ex.: senti sentí (MORENA, 18-- , p. 2).*

O emprego da análise comparada entre os dois idiomas permite, além do já exposto, que o autor se dedique igualmente a assinalar aquilo que é próprio da gramática do italiano e que pode se converter em dificuldade para o aprendiz falante de português caso ele não esteja atento, tal como ilustram os trechos a seguir.

*Os pronomes mi, me, ti, te, ci, ce, vi, ve, si, sè, ne, lo, gli, li, la, le, podem se ajuntar às vozes verbais, mas em italiano não se põe como em portuquez, uma risca de permeio (MORENA, 18-- , p. 19)<sup>9</sup>.*

*Advirta-se que quando dous adverbios em mente se seguem na oração, em italiano não se costuma como em portuquez supprimir a terminação do primeiro, ex.: segura e livremente (sicuramente e liberamente), franca e lealmente (achietamente e lealmente) (MORENA, 18-- , p. 72).*

*Da má pronúncia destas duas vogaes podem nascer graves erros, como se pode ver neste exemplo:*

e e o fechado	e e o aberto
mezzo - muito maduro	mezzo - meio
torre - torre	torre - tiras
colto - cultivado	colto - colhido

(MORENA, 18-- , p. 4).

*Não pronunciando-se distintas as consoantes dobradas, além de ser contrario á pronúncia italiana, podião nascer graves erros, como se pode ver neste exemplo:*

Cassa, caixa	Casa, casa
Calle, vereda	Cale, importa
Fiocco, fraco	Fioco, fraco
Cenno, aceno	Cena, ceia

(MORENA, 18-- , p. 4).

*N'estas e outras orações semelhantes houve muito desastre, pedes muita coisa, etc em italiano os substantivos desastre e coisa se devem traduzir com o plural, e dir-se-ha ci fúrano molti disastri, chiedi molte cose (MORENA, 18-- , p. 26).*

<sup>9</sup> Este trecho e o seguinte fazem parte do *Compendio*. Os demais relativos ao mesmo tópico foram extraídos da *Grammatica*.

*Em italiano seria erro empregar as palavras vecchia e giòvane, se não referindo-se a pessoas que realmente tenham esta idade, usando-se no caso contrario os adjectivos maggióre e minóre (MORENA, 18-- , p. 45).*

*O emprego das interjeições simples como ah, oh, ahi, etc, não apresenta quasi diferença entre as duas lingoas, porque em ambas, as mesmas interjeições servem para exprimir os diferentes transportes de paixão de que nos achamos occupados (MORENA, 18-- , p. 286).*

Nessa mesma direção, Morena (18-- , p. 195), mesmo depois de já ter tratado da conjugação verbal e de suas particularidades, insere em sua *Grammatica* um tópico que denomina “Correspondencia dos tempos”, definido da seguinte maneira pelo próprio autor:

*Tratando-se das conjugações dos verbos os alunos terão notado, que pouca pode ser a diferença que ha entre as duas lingoas no emprego dos tempos: pelo que deixando aquillo em que se correspondem, só falaremos dos tempos, de que uma ou outra lingua carece, ou que nem sempre se achão empregados com a mesma significação.*

Além da correspondência entre os tempos verbais, é também objeto de análise pormenorizada o emprego dos verbos *éssere* e *stáre*, *avére* e *tenére*, *andáre* e *venire*, em contraponto com seus correspondentes em língua portuguesa.

A análise da *Grammatica* nos fornece exemplos também daquilo que Morena (18-- , p. 2) explica no *Prologo* a respeito de como pretende organizar o conteúdo:

*[...] mas tratando de uma classe de palavras, disse tudo quanto a ella se refere, porque julguei que o alumno d'esta forma coordenaria e reteria na memória as regras expostas muito mais facilmente do que se, querendo eu proceder de modo contrario, tratasse em diferentes capítulos das diversas partes da oração.*

Desse modo, no capítulo II, dedicado a tratar dos nomes substantivos e mais especialmente do tópico “Formação do plural dos substantivos regulares e irregulares”, o autor, com vistas a facilitar a retenção da informação na memória do aluno, inclui entre os exemplos os adjetivos que seguirão as mesmas regras para formação de seu plural, como é possível verificar na passagem a seguir:

*Entre os substantivos que servem de exemplo para a formação do plural, dão-se também alguns adjectivos: e isto para evitar repetições, pois que como se verá, os adjectivos na formação do plural seguem em tudo as regras, que militão para os substantivos (MORENA, 18-- , p. 17).*

Estratégia semelhante podemos observar no comentário que o autor faz a respeito da conjugação dos verbos regulares:

*Por estes verbos se conjugão todos os outros regulares para o que distinguir-se-hão nos verbos o radical e a desinência ou terminação (MORENA, 18-- , p. 157).*

A *Grammatica portugueza-italiana* fornece, ainda, pistas para mudanças de comportamento observáveis na época e suas implicações na dinâmica da língua, revelando ter Morena uma delicada sensibilidade linguística. Nos capítulos intitulados “Dos aumentativos e diminutivos” e “Das interjeições”, o autor faz as seguintes ressalvas:

*Se se encontrarem alguns nomes com as formas sobreditas, sem terem o sentido que lhes foi attribuido, isto não destroe as regras estabelecidas. Porque nas coisas humanas, e por isso também nas línguas se estabelece uma regra, quando o mais das vezes se realiza (MORENA, 18-- , p. 34).*

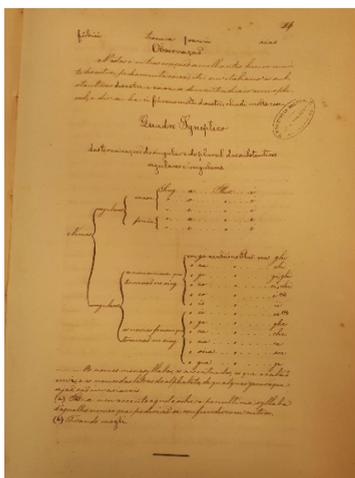
*A um que espirra se diz: saúde; o outro responde: grázie (obrigado); parece com tudo que a moda no seu nobre furor de inovação quer banir do mundo dos cumprimentos estes tão inocente e singelo, herança de nossos pais. Mas sempre são os inocentes os perseguidos (MORENA, 18-- , p. 287).*

No tratamento dispensado à questão dos aumentativos e diminutivos, Morena – apesar de não usar tais termos – os analisa do ponto de vista discursivo, indicando, portanto, para o aluno que não se trata apenas de apresentar terminações que possam indicar “coisas mui grandes” ou “coisas pequenas”. Para o aluno de LE interessa saber que com o uso dos aumentativos e diminutivos, tal como o autor assinala, é possível também atribuir valor de “envilecimento e desprezo” e “graça e beleza”, respectivamente:

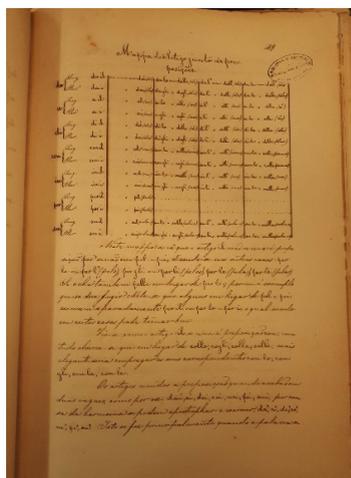
*[...] assim a terminação one indica as coisas mui grandes (nomes augmentativos) [...] otto, otta significa as coisas um pouco grandes [...] áccio, áccia, onácio, azzo, áglia, ame significa as coisas grandes, malfeitas e más (nomes peggiorativi e avvilitivi) [...] ino, ina, ello, ella, elto, elta, nólo, nóla, oletto, oletta, olíni, olína, cino, cina, icíno, icína, iccino, icello, icella, óttolo, óttola, etc significa coisas pequenas e bem feitas (nomes diminutivos e vezzeggiativi) [...] úccio, úccia, uzzo, uzza, astro, ónzolo, iciatto, iciáttolo, etc. significa coisas pequenas e malfeitas (nomes diminutivos e avvilitivi) (MORENA, 18-- , p. 32-34).*

Ao longo de toda a obra, como recurso adicional para organizar as informações de forma a facilitar o aprendizado da LE, observamos o emprego de quadros sinóticos e daquilo que o autor denomina “mappas”, conforme revelam as figuras apresentadas a seguir.

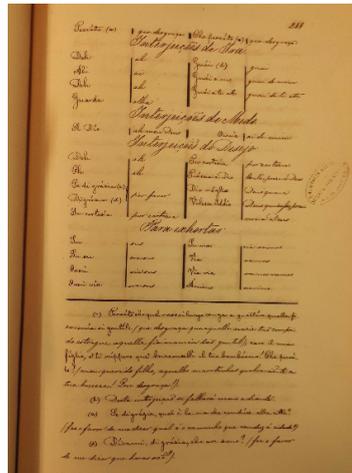
**Figura 4** – “Quadro Synoptico” (p. 26) **Figura 5** – “Mappa” (p. 49)



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

**Figura 6** – Apresentação das interjeições (p. 288)

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Tal como no prólogo, verificamos, no *Compendio* e na *Grammatica*, o emprego de diferentes tipos com o claro objetivo de dar destaque para alguma informação. Tal recurso, como se pode ver nas figuras 4, 5 e 6, é empregado com frequência nas observações ou notas de rodapé, nos exemplos e para fazer a distinção entre os dois idiomas.

A análise conjunta de todas as partes que integram a *Grammatica portugueza-italiana* deixa entrever que seu autor era não só um estudioso da área, com leituras diversas que o auxiliaram na realização de seu intuito, mas também um observador arguto dos fenômenos linguísticos e um conhecedor das questões que cercavam o ensino e a aprendizagem de uma LE.

## CONCLUSÃO

A título de conclusão, podemos afirmar que a obra de Morena, *Grammatica portugueza-italiana*, pode ser considerada um reflexo concreto da história da linguística (SWIGGERS, 2013), mais especialmente da história de ensino de LE no Brasil, sendo, portanto, uma fonte de estudo sobre as ideias e práticas linguísticas vigentes em um determinado tempo e contexto.

Tal como uma janela que se abre para a possibilidade de investigação de um dado tempo, a análise da obra e do discurso de seu autor e daqueles a quem ele deu voz através do emprego das diversas citações permitiu-nos ter acesso aos contextos e às situações representados, aos valores e às crenças desse autor – que, por sua vez, retrataram visões vigentes em seu tempo – sobre língua, ensino, aprendizagem e cultura, por exemplo.

Tendo em vista o exposto, acreditamos na importância de termos revelado a visão de José Morena e de termos trazido manuscrito para a pauta da discussão sobre a história dos estudos linguísticos e, mais especialmente, das metodologias de ensino de LE.

## THE GRAMMÁTICA PORTUGUEZA-ITALIANA AND THE TEACHING OF FOREIGN LANGUAGE IN THE SECOND REIGN

**Abstract:** The study of a didactic work can reveal more than the content that, objectively, it intends to present. In it, the author gives a glimpse, for example, of language and teaching conceptions in force during a certain time and with which they agree. It is therefore intended, in this work, from a historiographical perspective, to present a manuscript produced in Brazil in the nineteenth century. The aforementioned manuscript, elaborated by José Morena and dedicated by him to Empress Thereza Christina, is titled *Grammatica portugueza-italiana* and is part of the National Library's collection.

**Keywords:** Foreign language. Grammar. Historiography.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. M. C. de. *Materiais didáticos de português para estrangeiros editados no Brasil: proposta de uma nova cronologia*. 2011. Pesquisa de Pós-doutoramento – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- ALMEIDA, P.; JÚDICE, N. Do novo mundo ao mundo novo: o ensino de português a estrangeiros no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O.; GONÇALVES, L. (org.). *O mundo do português e o português no mundo agora: especificidades, implicações e ações*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 265-292.
- ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia lingüística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, v. I, n. 2, p. 115-136, 2009. Disponível em: <http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/12/136>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.
- ANDRADA, J. F. *Vida de Dom João de Castro quarto visorrey da India*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1651.
- BORDO, A. *Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano / Dizionario portoghese-italiano e italiano-portoghese*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1853-1854.
- CORTICELLI, S. *Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo per uso del Seminario di Bologna*. Bologna: Stamperia de Lelio dalla Volpe, 1745.
- CORTICELLI, S. *Della toscana eloquenza discorsi cento detti in dieci giornate da dieci nobili giovani in una villereccia adunanza*. Bologna: Stamperia di Lelio dalla Volpe, 1752.
- FERREIRA, O. C. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira – imagem gravada*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- GODOY, R. P. *Processos de formação do acervo da biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857)*. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

- GONÇALVES, E. M. *Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa: uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005.
- JÚDICE, N.; ALMEIDA, P. Revisitando um livro didático de português do Brasil para estrangeiros da década de 40. In: JÚDICE, N.; TROUCHE, L. (org.). *Ensino de língua estrangeira: português em debate*. Niterói: UFF, 2006.
- KOERNER, E. F. K. *Professing linguistic historiography*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin, 1995
- LESSA, F. P. *A bandeira nacional brasileira*. Conferência realizada na Liga de Defesa Nacional, em 18 de setembro de 1930 e publicada no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1930.
- LUZ, M. *A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino*. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005.
- MACHADO, U. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MAGALHÃES, D. J. G. de. *A Confederação dos Tamoyos – poema*. Rio de Janeiro: Empreza Typog. Dous de Dezembro, 1856.
- MALKIEL, Y. History and histories of linguistics. *Romance Philology*, v. 22, p. 530-566, 1969.
- MÁRSICO, M. A. V. *Um panorama sobre a evolução histórica da encadernação*. Disponível em [http://planorweb.bn.br/documentos/historia\\_bibliotecas/panorama\\_evolucao\\_historica\\_encadernacao.pdf](http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/panorama_evolucao_historica_encadernacao.pdf). Acesso em: 9 abr. 2018.
- MORAES, R. B. *Bibliófilo aprendiz*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- MORENA, J. *Grammatica portugueza-italiana*. [S. l.: s. n., 18--].
- ORNELLAS, R. *Caldeirão de bruxas: de como Macbeth virou Irmãs do tempo*. São Paulo: Edusp, 2006.
- PUOTI, B. *Della maniera di studiare la lingua e l'eloquenza italiana*. Torino: Tipografia e Libreria Salesiana, 1837.
- PUOTI, B. *Regole elementari della lingua italiana*. Roma: Tipografia delle Scienze, 1839.
- PUOTI, B. *Vocabolario domestico napoletano-toscano*. Napoli: Libreria e Tipografia Simoniana, 1841.
- PUOTI, B. *L'arte di scrivere in prosa per esempj e per teoriche*. Firenze: Barbera, Bianchi e Comp., 1843.
- PUOTI, B. *Dizionario dei francesismi*. Napoli: Tipografia all'insegna del Diogene, 1845.
- RIBEIRO, C. *Brazões e bandeiras do Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora, 1933.
- SERPA, A. de. *Poesias*. Lisboa: Typographia da Revista Popular, 1852.

STORMS, M. Lombaerts, Jean-Baptiste e Henri Gustave. Disponível em: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator/lombaerts-jean-baptiste-e-henri-gustave>. Acesso em: 9 abr. 2018.

SWIGGERS, P. "Portraits of Linguistics" Anno 1927. *Historiographia Linguistica*, v. 1/2, p. 175-177, 1982.

SWIGGERS, P. Aspects méthodologiques du travail de l'historien de l'enseignement du français langue étrangère ou seconde. *Documents pour l'Histoire du Français Langue Étrangère ou Seconde*, Saint Cloud, v. 21, p. 34-52, 1998. Disponível em: <http://fle.asso.free.fr/sihfles/Documents/Documents%2021%20corrig%E9/Documents%2021%20on-line%20PDF%20corrig%E9/e%20D21%20swiggers.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2018.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1171.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Recebido em 10 de julho de 2019.

Aprovado em 28 de agosto de 2019.